



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e Religiosidades

O RENOVAMENTO CARISMÁTICO CATÓLICO PORTUGUÊS E O BRASIL: INTERCÂMBIOS E REJEIÇÕES

PORTELLA, Rodrigo

Doutor em Ciência da Religião

Universidade Federal de Juiz de Fora

rodrigo@portella.com.br

Resumo

A partir de uma pesquisa de estágio doutoral em Portugal, financiada pela CAPES e realizada entre setembro de 2007 e fevereiro de 2008, procurei mapear um pouco das sensibilidades católico-carismáticas presentes, na atualidade, em Portugal. Aqui apresento, de forma dialogal com dois grupos e com duas personagens deste estudo, apontamentos do diário de campo da pesquisa. Livre da obrigação de pontuar estes recortes através de cotejamento bibliográfico, procuro, de forma descritiva, visibilizar conflitos, ideias, perspectivas e peculiaridades da Renovação Carismática Católica em Portugal, inclusive as influências da Renovação Carismática do Brasil em Portugal.

Abstract

From a survey of doctoral training in Portugal, funded by CAPES, held between September 2007 and February 2008, tried a little map of the Catholic-charismatic sensibilities present, nowadays, in Portugal. Here present, in dialogue with two characters in this study, some of the daily notes of field research. Free of the obligation to point these cuttings through collating biographical literature, looking, so descriptive, visible conflict, ideas, perspectives and peculiarities of the Catholic Charismatic renewal in Portugal, including the influence of the Charismatic Renewal of Brazil in Portugal.

Palavras-chave: Carismáticos, Portugal, Grupos de Oração, Líderes carismáticos.

Keywords: Charismatic, Portugal, prayer groups, charismatic leaders.

PAP0095

Para chegar-me às realidades e lógicas inerentes à Renovação Carismática Católica (RCC, adiante) em Portugal, tomei contato, em pesquisa recente, com dois Grupos de Oração da RCC, situados em cidade ao norte de Portugal (os únicos na cidade ou, ao menos, os mais “visíveis” e representativos). Nomeadamente, o grupo que se reúne nas dependências da paróquia de Anchieta e o que se reúne no prédio anexo a outra igreja (grupo Anjos)¹.

O presente trabalho tem um cunho **preponderantemente etnográfico e descritivo** das características destes grupos. Ou seja, o pesquisador faz aqui um relato do que viu e ouviu, com algumas incursões interpretativas, e realizando um paralelo com a RCC brasileira em sua influência sobre a RCC portuguesa, assim como apontando os significados possíveis de tais influências da RCC brasileira na configuração da RCC portuguesa.

1. O Grupo Anchieta

O Grupo de RCC da paróquia de Anchieta se reúne às quartas-feiras, das 20h30 às 22h30. A Paróquia de Anchieta possui um templo moderno, próximo ao centro histórico da cidade. O grupo que lá se reúne perfaz entre 10 a 14 pessoas, todas adultas, algumas de classe média, outras pertencentes a extratos mais populares. Há, geralmente, cerca de 5 homens a participar do grupo, sendo as demais participantes mulheres. A reunião arranca com a recitação do terço (diferenciado) à Senhora da Rosa Mística. Ato contínuo, há a consagração da TV Canção Nova à Virgem Maria, ao que seguem cantos, depois vindo uma oração em conjunto, onde todos oram juntos, mas em que a oração da líder sobressai-se, e depois de um canto ao Espírito Santo, há o falar em línguas estranhas ou de anjos. Após este momento há a leitura de um trecho da Bíblia, em que cada um partilha, em comentário orante, um versículo, o louvando, e após, há uma oração em que todos ficam em roda e intercedem pelas necessidades gerais. Finalmente, uma oração de boa noite à Virgem Maria, em agradecimento pelo dia.

A reunião se dá numa capela anexa ao templo central. A entrada principal da Igreja, nestas noites, fica encostada, como que fechada, e não há boa iluminação na praça onde se localiza a Igreja por não haver, na noite de quarta-feira, outra atividade regular na mesma.

2. O Grupo Anjos

O Grupo Anjos envolve 8 pessoas regulares, não havendo pessoas flutuantes no grupo. São pessoas simples, de extrato social mais pobre e de estudo básico. Parecem formar uma família, embora apenas duas pessoas ali presentes sejam parentes. Lá há uma jovem, de 15 anos, que acompanha a avó às reuniões. Só há um homem no grupo, que, aliás, é seu líder formal (informalmente a liderança é de duas senhoras mais antigas no grupo e mais antigas na RCC). O Grupo Anjos se reúne numa sala de catequese quase anexa ao edifício religioso. Isto já denota uma primeira característica para nossa análise, comum a ambos os grupos: a situação guetizante, marginal e de pouca visibilidade dos grupos da RCC em Portugal, assaz nesta cidade do norte português, considerada cidade tradicionalmente católica.

3. Visibilidade e invisibilidade da RCC na cidade

Conversando, certa vez, com uma catequista da Paróquia de Anchieta, lhe contei que estava a realizar pesquisa junto à RCC em sua paróquia. Ela espantou-se, uma vez por não identificar de imediato a que se referia o nome Renovação Carismática, e outra por não saber da atuação do grupo na sua paróquia. Também ao procurarmos informação, na secretaria dos Anjos, sobre o grupo de RCC que lá se reunia, a secretária do lugar não sabia informar sobre o grupo.

Esta situação um tanto de catacumbas em que se encontra a RCC desta cidade de porte médio a grande, em Portugal, deve-se, sobretudo, à maior parte do clero e episcopado de Portugal ter resistência ao movimento, o

¹ Nomes de lugares, grupos e pessoas são fictícios.

que impede que a estrutura da Igreja, com seu poder midiático ou de divulgação, visibilize com maior força a RCC. Mesmo nas paróquias da cidade onde atua, a RCC é apenas tolerada, não contando com assistência constante dos párocos. É sintomático e revelador, portanto, que uma catequista atuante na paróquia não identificasse de imediato mesmo o nome do movimento e a que se referia. Contudo, quando lhe falei, a bem de fazer correlações, do Pe. Marcelo Rossi e da Canção Nova (CN, adiante), ela fez as associações, com um ar de rejeição. Sim, a RCC tem, de certa forma, visibilidade em Portugal, dado que a TV Canção Nova tem suas ondas transmitidas para a televisão portuguesa. Tanto a CN como a RCC do Brasil enviam periodicamente padres e missionários a pregar retiros e fazer palestras em Portugal. Contudo, embora haja esta inserção, a RCC é ainda pouco atuante e numerosa no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana de Portugal. A CN, por sua vez, retransmite programas da emissora no Brasil, sendo que há poucos programas produzidos pela CN local. Porém, mesmo nos programas locais, percebe-se brasileiros a trabalhar nos programas (como âncoras, repórteres, apresentadores, pessoas da assistência ao telefone, etc), que são missionários da CN do Brasil enviados à CN de Portugal, salientando a dependência e estreitas relações que ainda existem entre a base da RCC no Brasil e o desenvolvimento da RCC em Portugal.

Portas cerradas (encostadas) ao público, capelas anexas ou mesmo saletas de catequese (um espaço não sacro, portanto) onde grupos se reúnem, a falta de divulgação nos meios de comunicação paroquial fazem dos grupos de RCC uma nódula no espaço eclesial oficial da cidade. O que faz deles, igualmente, grupos de resistência e forte identidade, dado que o ser minoria cria a coesão e solidariedade grupal.

4. RCC em Portugal e de Portugal

Bem diferente, em contraste, é a RCC no Brasil, contando com a simpatia e apoio de muitos eclesiásticos e com ampla divulgação, nos vários meios eclesiais e sociais, de suas atividades, que se realizam nos templos, de forma bastante explícita. Pode-se dizer que em Portugal a RCC ainda não foi naturalizado enquanto movimento eclesial de grande porte, sendo ainda um filho bastardo da Igreja (talvez de um concubinato com certos movimentos evangélicos). Não que não haja certa estrutura do movimento em terras lusas. A RCC é, sim, organizado, com um site oficial (www.pneuma-rc.pt) e com um orientador geral, o padre espiritano José da Lapa, residente em Lisboa. Também publica livros e tem um livro de hinos religiosos editado, inclusive com músicas nativas. Conta-nos o site que a RCC em Portugal contabiliza 33 anos de existência. O site é obra bem particular do Padre Lapa que liga a RCC em Portugal à sua atuação e que ainda, em seu conteúdo, tem o tom de justificar didaticamente a presença da RCC e explicá-lo. A RCC também publica uma revista bimensal, *Pneuma*, já no número 133 (2007). Conforme o site informa, há apenas um grupo de jovens da RCC, situado em Lisboa, o que nos revela que, bem ao contrário do Brasil, a RCC tem dificuldade, por sua via própria caracterizada pela emoção e fidelidade à moral e doutrinas da Igreja, em se fazer atrativa entre os jovens. Enfim, em comparação percentual com a RCC no Brasil, esta estrutura ainda não mostra a força de arrebatar número considerável de adeptos, nem mesmo de se fazer visível de forma suficiente.

5. “O mar já não divide, une” (Fernando Pessoa): O Brasil na RCC de Anchieta

Voltando ao grupo de Anchieta, sua líder é uma senhora que morou durante anos no Brasil, no Rio de Janeiro, e nesta cidade tomou conhecimento da RCC. Aliás, é importante ressaltar a importância que a RCC do Brasil tem para alguns grupos da RCC de Portugal e, particularmente, para o de Anchieta. A maior parte das referências religiosas do grupo é oriunda do Brasil, visto como uma terra em que a RCC alcançou um nível ímpar de exemplo e modelo para outros países. Basta citar que neste grupo a Bíblia utilizada é a mesma adotada “oficialmente” pela RCC do Brasil, isto é, a da Editora Ave Maria; que o livro de hinos é o mesmo da RCC do Brasil, o “Louvemos ao Senhor”, da Associação do Senhor Jesus (em edição atualizada de 2007). Logo no meu primeiro encontro no grupo, esteve presente um leigo do Rio de Janeiro, em peregrinação à Fátima, que foi dar seu testemunho de vida. Posso dizer que foi o maior dia de audiência às reuniões, ao menos de todas que acompanhei. Foi uma noite em que as pessoas pareciam estar a receber mais que um padre ou bispo. A reunião estendeu-se até mais tarde e o brasileiro distribuiu bênçãos e imposição a cada um em particular, profetizando sobre vidas e causando profunda comoção.

No sentido religioso, portanto, vemos no âmbito da RCC em Portugal o contrário do que vemos no Brasil em relação a movimentos religiosos exógenos. No Brasil formas religiosas importadas de países mais desenvolvidos economicamente (como práticas da Nova Era e mesmo movimentos católicos, importados de Japão, EUA e Europa) tomam um *status* especial dado a origem de procedência e a significação simbólica da origem. O Brasil, país colonizado por Portugal e, de certa forma, inferior economicamente a Portugal, na periferia dos centros de decisão mundial (ao contrário do europeu Portugal) tem, para muitos adeptos da RCC portuguesa, o *status* de sítio religiosamente mais desenvolvido e, portanto, exportador de simbólicas e eficácias religiosas.

6. De leigos para leigos: uma Igreja que se inventa

Semelhantemente ao que ocorre no Brasil, porém, a meu ver, um pouco mais acentuadamente em Portugal, a liderança leiga e o espaço leigo têm bastante visibilidade (no âmbito específico da RCC, frise-se). Os grupos de RCC que acompanhei não têm nenhum acompanhamento, apenas muito esporádico, do clero da paróquia em que estão incardinados. Há sim, um padre designado pela Arquidiocese para o acompanhamento de grupos da RCC. O padre, porém, que reside em cidade vizinha àquela da pesquisa, não deu o ar de sua graça em nenhuma das reuniões que acompanhei, dando a impressão de que seu cargo é mais uma formalidade institucional. Isto reforça o caráter de iniciativa leiga e laicidade dos grupos. E esta questão da laicidade se apresenta bastante sintomática se fizermos um paralelo com o protestantismo, donde, de certa forma, a RCC deve raízes e cruzamentos. Uma primeira característica que aponta a laicidade dos grupos é, ao menos no grupo de Anchieta, uma ausência de liturgia ou rito estabelecido. Embora haja uma estrutura básica (reza do terço da Rosa Mística, cantos, oração em línguas, leitura bíblica, oração), tal estrutura costuma sofrer modificações imprevistas e não há necessariamente uma ordem certa e regular a seguir, sendo que elementos originais são colocados no desenvolver da reunião conforme a inspiração da líder do grupo.

No grupo da Anjos, porém, existe uma ordem litúrgica mais definida e rígida, com a oração do terço mariano no princípio, seguindo-se a ele cantos muito alegres, com palmas e gestuais, até que em determinado momento há a oração em línguas. Após realizam-se as leituras bíblicas previstas para o dia, a partilha do comentário delas e, a seguir, novos cantos e orações.

A questão da apropriação da Bíblia, e de certo modo sua centralidade nas reuniões do grupo, é de chamar a atenção. Não tanto pela leitura dos textos, mas pela liberdade de comentários a eles. No catolicismo, em princípio, apenas o sacerdote ou diácono é autorizado a comentar o texto bíblico. Pois bem, esta autoridade sacerdotal é desempenhada por leigos, de forma livre, nestes grupos, o que os aproxima de outro grupo católico que, comumente, se encontra em oposição à RCC: as CEBs. Geralmente se lê o texto bíblico, e, cada qual, relê o verso que mais chamou a atenção e faz algum comentário sobre ele. Ninguém tem o monopólio sobre a palavra, nem o líder do grupo. É um momento onde todos são livres intérpretes da religião e de sua expressão bíblica. Não há coerções. Não há cleros.

Neste sentido quero citar um caso que considere bastante sintomático. Em uma das reuniões do grupo Anjos, o texto evangélico foi o de Lc 21.49-56, em que Jesus diz que viria trazer fogo à terra, e não a paz, e que a partir dali familiares estariam divididos numa mesma casa. Após a leitura deste texto houve um silêncio mais longo que o habitual. Um longo silêncio constrangido, inclusive, possivelmente, pela presença do pesquisador que, como possível alvo de orações inconfessadas para sua conversão, estava ali a ouvir uma mensagem pouco confortante da parte de Jesus. Até que em certo momento o líder disse que não concordava muito com aquela “parábola”. Disse que Jesus veio trazer coisas boas: paz, perdão, união... Uma das líderes natas, porém, apressou-se a corrigir, dizendo que o fogo de que falava Jesus era o fogo do Espírito Santo, que nos unge e que devemos conservar aceso. Ao que a outra líder retrucou ser este fogo do Espírito para unir o que está desunido: famílias, cristãos...

Foi bastante interessante observar como, para os membros daquele grupo, uma mensagem de Jesus não poderia sair dos paradigmas comumente aceitos e vulgarizados de amor, paz, alegria, perdão e união. Ali não foi possível fazer uma leitura literal do texto, mas teve-se que buscar toda uma hermenêutica que permitisse coadunar as palavras duras do texto ao imaginário emocional das pessoas a respeito da essência da

mensagem de Jesus. E o fogo, sendo no imaginário carismático ligado ao Espírito Santo, foi traduzido como o envio deste, embora o contexto do texto a nada se referisse quanto a isto. O ocorrido manifesta a independência que os grupos de RCC têm em não depender da exegese oficial a vaticinar o texto, e a forma alegórica com que chegam aos textos mais difíceis para encaminhá-los às lógicas da RCC. Porém, o fato mais interessante foi o do líder dizer que não concordava com aquelas palavras. Haveria algo de errado na tradução da Bíblia? Enfim, por um lado desafiava-se a autoridade da palavra bíblica, a partir do critério de que ela deveria concordar com certa imagem de Jesus já pré-estabelecida na memória afetiva das pessoas. E, por outro lado, remetia, tal atitude, a uma tendência de leitura bíblica seletiva, em que certos textos não de ter mais autoridade do que outros. O fato demonstra como, na RCC, um determinado Jesus é construído (o das emoções, afetos, paz, perdão, alegria) sem que o mesmo possa ser questionado por ele mesmo.

Outra característica da laicidade destes movimentos pode-se ver na Anjos. Como se reúnem numa sala de catequese, falta-lhes altar e sacrário, enfim, o ambiente sacro. Pois o grupo coloca acima da mesa uma toalha, com o nome *renovamento carismático*, uma vela, um quadro de Maria e uma pequena imagem de Jesus ressuscitado e glorioso, demonstrando que o grupo cria o ambiente sagrado quando este não lhe é facultado.

É interessante citar uma oração da líder de Anchieta, que disse, por diversas vezes, que Jesus, era o único guia e senhor daquele grupo, sendo ele o chefe, o que fez nascer e sustenta o grupo. Embora haja óbvia obediência à Igreja hierárquica, a referência explícita, direta e sem mediações a Jesus como o “único” evidencia o grau de certa independência relativa que o grupo tem quanto à Igreja. Jesus, sendo o símbolo máximo, a flexibilidade litúrgica, a apropriação da palavra e comentário bíblico pelos fiéis, a liberdade de expressões configuram, por certo, elementos com grandes afinidades eletivas com um modelo de eclesiologia e teologia protestantes.

Outra característica flagrante do que dizemos é o fato de a líder do grupo de Anchieta receber, por vezes, mensagens da Virgem Maria. Em certos momentos de oração e aparente transe, a líder enuncia mensagens como se a Virgem Maria estivesse a falar por ela, numa espécie de incorporação. São mensagens bastante prosaicas, como que pedindo por união, dizendo que ama a todos, que todos são especiais, que continuem rezando, etc. O que quero chamar a atenção, neste momento, é para o fato de que a líder, e os demais participantes, não têm nenhuma preocupação com o discernir a veracidade do fato, comunicá-lo ao padre, ao bispo, entregar a questão à prudência da Igreja nestes assuntos. Simplesmente aceita-se – ou fingi-se aceitar - o fato de que ali esteja a falar a Virgem Maria por boca de uma leiga em um pequeno grupo de oração, sem que se coloque tal fato ou o confronto perante o magistério eclesial, sem que seja necessário a presença da Igreja hierárquica, sem que a laicidade e liberdade completa deste fenômeno seja posta a qualquer prova ou mesmo comunicação oficial. Seria medo da reação da Igreja oficial? Se o for, aí está um fato digno de nota: os leigos da RCC constroem sua religião às margens e mesmo à revelia da igreja oficial.

7. Ressuscitando a Cristo: entre a alegria e a dor

Outra característica do grupo da Anjos é justamente a da alegria, da performance dela, o que também se percebe em Anchieta. Na cidade da pesquisa, como em Portugal como um todo, abundam imensamente as imagens e devoções do Cristo sofredor, doloroso, da Paixão, da cruz. Iconograficamente têm-se uma religiosidade sacrificial e dolorosa, purgativa. Assim parece não ser nos grupos da RCC. No grupo Anjos não há o Cristo doloroso, mas o glorioso representado. Risos, palmas e ambiente descontraído marcam a reunião. Em Anchieta, certa vez, como as pessoas estivessem um tanto paradas, desanimadas, a líder começou a reclamar e incentivar, dizendo que tivessem ânimo, alegria, pois estavam diante de Jesus vivo, que ama e perdoa, que estavam salvos, etc. E improvisou uma corrente de oração na tentativa de animar as pessoas.

É bastante perceptível não só nos grupos de oração da RCC, mas também nas falas e narrativas veiculadas por programas portugueses na CN, a contraposição entre um catolicismo dito “morto” e um catolicismo “vivo”. Se percebe um conflito latente entre modos de gerir a fé. A RCC, neste sentido, confronta-se com a religião ou religiosidade tradicional portuguesa, marcada pela Paixão de Cristo. Certo senhor português de idade – e este é um só dos exemplos – disse, em entrevista num programa da CN, que em toda sua longa

caminhada não havia conhecido nada melhor no catolicismo do que o jeito da RCC, pois enquanto a maioria dos católicos só fica na sexta-feira da Paixão, adorando um corpo morto, tristes, a RCC trazia um Cristo vivo, ressuscitado, atuante, que age ainda hoje, realiza milagres, restaura vidas. É de se perguntar o porquê da RCC em Portugal ainda não ter a projeção e força já atingida em outros países de maioria católica? Seria justamente porque este discurso da RCC está, de certa forma, na contramão da religiosidade basilar e enraizada da cultura portuguesa? O que faria, por outro lado, que os adeptos da RCC em Portugal portassem, em contraposição, um discurso bastante crítico desta mesma religiosidade. Enfim, mostra-se a RCC como um ambiente que está para além da religião e religiosidade estabelecidas no lugar, quebrando paradigmas religiosos e re-inventando modos de ser, figurar e celebrar o catolicismo, numa moldagem leiga, não dependente em rigor da orientação eclesiástica, embora formalmente referida a ela.

Contudo, uma religião dolorida e tradicional é também mesclada e absorvida nestes grupos, que são, é claro, pontes de retraditionalização, ainda que de formas novas. A dor está presente a partir de uma percepção religiosa ao mesmo tempo tradicional e pós-tradicional, perfazendo um discurso ambíguo e aglutinador. Por exemplo, a líder de Anchieta agradece em oração as dores do corpo e alma e diz que elas têm uma finalidade reparadora para Deus. Que pelas dores há certo expurgo de pecados e que mesmo dores não merecidas têm de ser agradecidas, pois podem estar a ajudar alguém, serem sufrágios por alguma causa. Enfim, ao mesmo tempo que a lógica sacrificial e conformista em relação à dor tem lugar, também emerge um discurso de libertação da dor, pois que Jesus veio para nos curar em corpo e alma, lançar fora nossas dores. O discurso, aparentemente – ou de fato – contraditório, busca justificar tudo (dor, saúde, cura, acidente, sofrimento) a partir de uma cosmologia e teodicéia que a tudo explica em alguma divina lógica. Portanto, no fim, nada é sem razão, mas tudo se inscreve em algum lugar da providência divina.

8. Carisma e Liderança: uma relação controversa

Quanto à liderança, enquanto exercício de poder carismático (no sentido weberiano), pode-se dizer que aparentemente não se nota de forma *hard* alguma dominação carismática dos líderes sobre os grupos. No caso de Anchieta, a líder tem, é certo, reconhecimento e algum prestígio, devido à sua mais longa caminhada na RCC, a ser fundadora do grupo e por seus contatos e conhecimentos no âmbito do movimento. Porém é quase um carisma de função que exerce, ou da instituição, se assim posso dizer. Não se percebe, de fato, um carisma profético ou de domínio. Com muito custo a líder tenta, em algumas reuniões, empolgar as pessoas, a dizer que se animem, que estão diante de Jesus, etc. Enfim, não há um clima de efervescência emocional como se percebe em muitos grupos carismáticos no Brasil. Não chega a existir uma comunidade no sentido durkheimiano. Ela é apenas uma pessoa que lidera em um sentido funcional e, de certa forma, burocrático. Seu poder não emana exatamente dela, mas do que ela pode representar para o grupo.

Também no Anjos não existe uma liderança forte, sequer alguma estabelecida. Oficialmente o líder é o único homem do grupo, que lidera a reza do terço e vai controlando as demais etapas da reunião. Porém, sua função é meramente burocrática. As duas “fundadoras” do grupo, que têm mais conhecimento quanto à RCC, é que dirigem o louvor, cantos, gestuais, mas sem qualquer afirmação de dominação carismática.

Esta é uma questão a levantar, pois, ao que parece, Portugal não tem referências lusas, nativas, dos tipos ideais do profeta carismático. Não há um Dunga, Jonas Abib, Joãozinho, Fábio de Melo, Marcelo Rossi, Zeca, Jorjão, etc. O Padre Lapa, iniciador da RCC em Portugal, é uma referência mais institucional e pontifical nas relações entre RCC e a Igreja, mas não chega a ser uma personalidade de domínio carismático. É mais um supervisor, e encarado como tal. Grande parte da literatura e da discografia é importada do Brasil e, mesmo nas edições da RCC em Portugal, a maior parte das obras é de traduções.

É interessante perceber, como na palavra da líder de Anchieta, o ideário quanto a esta questão. Disse ela que antes Portugal evangelizou o Brasil e, agora, Portugal é que é terra seca de Deus, secularizada, e que o caminho inverso se faz, sendo o Brasil a evangelizar Portugal.

9. Anjos e Anchieta: água e óleo?

O grupo de Anchieta prima por uma referência mais agudizada em relação ao Brasil, como já se disse, e, portanto, também carrega características, em suas reuniões, mais de acordo com o rosto da RCC do Brasil. Pois bem, mesmo não apresentando a mesma intensidade e mobilização emocional encontrada nos grupos brasileiros (não há profecias específicas, repouso no Espírito, grandes alaridos), o grupo apresenta um pouco mais de “fervor”, se assim é possível descrever, do que o grupo Anjos. O tempo em que se fala em línguas é mais distendido, o falar é mais alto e por vezes cantarola-se em línguas. Também o momento de oração coletiva (sem ser em línguas) assemelha-se mais aos tipos encontrados na RCC brasileira (e, não por acaso, nas igrejas evangélicas de tendências pentecostais ou avivadas), em que se ouve um grande zunido em que todos oram a um tempo. Interessante, igualmente, foi observar certas reações, como num momento de oração em que uma senhora, aparentando ser de classe média alta, orava com insistência durante uma música, fazendo gestos com braços e mãos bastante excessivos e com força demasiada, quase como em êxtase, inclusive batendo o pé no chão (lembrava-me certas entidades da Umbanda baixadas em seus cavalos). Algumas vezes percebe-se alguma alteração emocional como um choro localizado, uma profunda comoção, etc. Particularmente, quando o já citado líder brasileiro da RCC visitou o grupo, pode-se presenciar estas manifestações mais emocionais (como se vê, a questão do carisma e figura referencial importada). No grupo Anjos, porém, em nenhum momento pude observar manifestações emotivas mais densas, a indicar mais uma vez o caráter de igreja doméstica de certa devoção tradicional do grupo.

O grupo Anjos tem um formato de convívio com o sagrado bem mais comportado, prosaico. É quase um grupo devocional tradicional informado por algumas práticas da RCC. Sendo um grupo menor, mais regular e de um caráter mais íntimo, “familiar”, as músicas são cantadas de forma mais à vontade, em ensaios, erros, recomeços, com risos de uns para com outros e com muitíssimos gestos, alguns mesmo beirando a performances infantis. Não chega a haver algum *frenesi* mais ao gênero de êxtases, como se observa um pouco mais em Anchieta. Mesmo o falar em línguas dura menos tempo e não chega a ser tão valorizado. Em comum têm o falar em línguas, os cantos da RCC e a partilha da Bíblia. Porém, no Anjos, as Bíblias são de edições portuguesas sem ligações com a RCC, e o livro de Hinos é o da RCC portuguesa. O grupo Anjos, pode-se dizer, reflete uma forma mais à portuguesa de ser carismático. Lembro de certa música, do livro de hinos, que inclusive tinha o jeito do Vira português, e as palmas e formas corporais de expressá-la aparentavam-se ao Vira.

No grupo Anjos não há a prática da oração de todos ao mesmo tempo. Cada um reza a seu tempo, e todos ouvem. Isto também vem a mostrar um caráter mais coletivo do grupo, enquanto que Anchieta reflete um caráter mais individual, menos coletivo, em que os laços de pertença não se mostram com a mesma força, sendo mais forte as buscas individuais de seus adeptos (todos oram ao mesmo tempo, cada um a sua oração, sem ouvir a do outro).

10. O Espírito é livre, *ma non troppo*...

Necessário também se faz uma palavra sobre o controle do evento místico nestes grupos. Embora o discurso seja o da liberdade, flexibilidade e não pré-determinação, existe um claro controle sobre os efeitos religiosos que se manifestam nos grupos. A líder de Anchieta, assim como o de Anjos, está com constância a controlar o relógio, e perceber o momento exato de se passar de uma etapa a outra da reunião. Geralmente, principalmente no Anjos, ninguém fala em línguas fora de hora. Em ambos os grupos existe um momento certo em que todos ao mesmo tempo falam em línguas e em que todos, ao mesmo tempo, cessam de falar em línguas. A líder de Anchieta, inclusive, fica no corredor da capela, a ter um controle mais geral sobre o grupo.

O Espírito Santo (ES, adiante), também, parece se submeter às regras. Ao invés de soprar na hora que quer, de acordo com sua liberdade divina tão valorizada na RCC, “desce” ou atua em hora marcada. Como na Umbanda, em que é preciso cantar o ponto para que a entidade possa descer, também nos grupos é preciso cantar a “senha” para que o ES passe a atuar. Nos dois grupos a senha é a mesma, a música “Eu navegarei”, um *hit* da RCC. Em certa altura diz a letra da música “*Espírito, que desce como fogo, vem como em*

Pentecostes, e enche-nos de novo”. Pronto, o ES, solícito que é, sempre vem após esta música. As pessoas ficam já pré-dispostas para o sobrenatural quando o líder inicia o canto e, impreterivelmente, é após ele que se manifesta o dom de línguas. No grupo Anchieta, até onde pude observar, penso que todos, uns mais, outros menos, falam em línguas. Exceção, talvez, seja uma senhora mais idosa que me pareceu não manifestar o divino dom. No Anjos, a menina de 15 anos e uma senhora mais idosa não manifestam este dom. É de se perguntar por que os mais novos e os mais velhos não se conectam à efervescência mística do momento?!

Certa vez, em Anchieta, a impressão é que a divindade não se manifestava como de costume. Falou-se pouco em línguas, o grupo parecia desanimado. A isto a líder incentivou a todos se levantarem e orarem mais, pedir, clamar. Até que o sopro divino dignou-se a estar um pouco mais presente. O controle, portanto, não é apenas dos momentos e etapas “litúrgicas” que devem se suceder, mas sobre sua normalidade e rotinização, a que tudo se dê, ainda que alegadamente sob o discurso de espontaneidade, da forma como deve ou deveria se dar, mesmo que para tanto seja preciso constranger as forças divinas.

Conclusão

A RCC, em Portugal, como no Brasil, parece viver dilemas e dinâmicas semelhantes: disputa por poder simbólico; distinção pelo contraste com os “outros”; conflitos pela ocupação do campo religioso carismático. Talvez a grande pimenta a mais que haja em Portugal seja justamente o Brasil. É pela referência ao Brasil que muitas vezes se dá a tensão e o conflito no campo carismático português. Mas não exageremos o Brasil como pivô de crises e disputas. Em todo canto e lugar, O ES sopra como quer e onde quer, conforme afirma a própria Bíblia. Isto já é liberdade suficiente para gerar disputas, conflitos, controvérsias em qualquer grupo, por menor e isolado que seja. O ES é a força da RCC, como, também, sua fraqueza.